

Desinformação acima de tudo, espetáculo acima de todos

Desinformation above everything, show above everyone

Desinformación arriba de todo, espectáculo arriba de todos

Entrevista

Sergio Amadeu da Silveira

Entrevistadores



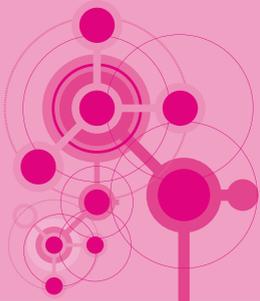
Luiz Alberto de Farias

- Livre-Docente pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).
- Doutor em Comunicação e Cultura pela USP.
- Professor Associado da ECA-USP e professor Titular da Universidade Metodista de São Paulo.
- E-mail: lafarias@usp.br



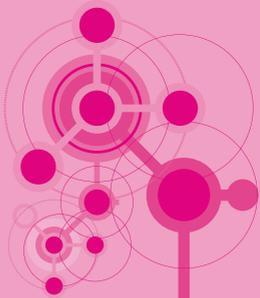
Valéria de Siqueira Castro Lopes

- Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.
- Professora da ECA-USP.
- Professora Titular da Faculdade Cásper Líbero.
- Docente do curso Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas – GESTCORP/ECA-USP.
- E-mail: valeriacaastro@usp.br



Sergio Amadeu da Silveira

- Doutor em Ciência Política pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.
- Professor da Universidade Federal do ABC (UFABC).
- Pesquisador de redes digitais e membro da coordenação do Laboratório de Tecnologias Livres da UFABC.



Como alguém pode estar desinformado se há abundância de informação? Será que navegar pelo ambiente digital é estar “incluído”? A internet é hoje um dos principais espaços de destino das pessoas, seja para trabalho, lazer, compras ou busca de informações. Cada vez mais pessoas, por mais tempo, mergulham com profundidade nas plataformas digitais, deixando ali a mais pura evasão de suas privacidades. Com esse universo paralelo, as vidas são atingidas de modo aparentemente irreversível, como se todos estivessem em um panóptico digital.

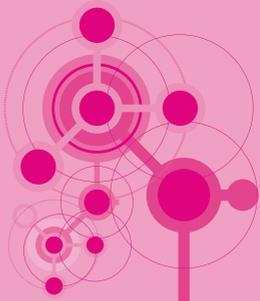
Esse ambiente de grande fluxo de informações também potencializa a desinformação, o deslocamento da realidade e o distanciamento dos fatos. A **ORGANICOM** trabalha neste número com o tema *Desinformação e comunicação na sociedade contemporânea* e convidou o pesquisador de redes digitais Sergio Amadeu da Silveira, um dos primeiros cientistas brasileiros a se debruçar sobre o tema, para conversar sobre essa realidade que parece, em alguns momentos, ser invisível a muitos olhares. Sergio Amadeu mostrou, por meio de sua vivência, pesquisas e percepções com ilustrações daquilo que ocorre em nosso dia a dia como temas de grande importância vão se banalizando. Exemplo disso é o grande número de autoridades que defendem a criação de polêmicas em lugares nos quais a Ciência já tem estudos consolidados, em um claro desserviço à sociedade, movidos por interesses não muito claros.

ORGANICOM – *Em um mundo repleto de informação e com aparente acesso digital, como enxerga o paradoxal cenário da desinformação hoje?*

Sergio Amadeu da Silveira – Eu diferencio muito os processos de desinformação atuais dos que são comuns na história do Ocidente – boatos, mentiras, mitos, exageros e, no caso político, os deslocamentos realizados nas disputas pelo poder de Estado. Tudo isso é diferente do que ocorre hoje. E por quê? Principalmente a partir da 2ª metade do início do século XXI, assistimos ao surgimento de um grupo político de extrema direita que passou a contestar a racionalidade iluminista. Eles passaram a considerar que o debate racional baseado em fatos nos conduziria a um agigantamento do Estado e, portanto, ao que eles chamam de marxismo. Esses vários grupos e pensadores da extrema direita, em geral compromissados com o neoliberalismo exacerbado, passaram a cultivar a desinformação como principal estratégia política. Isso criou uma alteração daquilo que seria caracterizado como os processos de desinformação anteriores e gerou uma insistente ação política a partir da desinformação.

ORGANICOM – *E como você exemplificaria isso?*

Sergio Amadeu da Silveira – Talvez o exemplo mais cabal que temos é de [Jair] Bolsonaro ter dito, em discurso na ONU, que dera mil dólares para cada brasileiro. Isso não é *fake news*. Ele não é jornalista ou representante da imprensa, é o Presidente da República falando algo que não tem qualquer correspondência com a realidade. Ele não se importa com isso. O importante é saturar a opinião e isso se consegue mais facilmente hoje, por conta da velocidade alcançada nas redes digitais – [se consegue] saturar esse espaço de informação com desinformação, com elementos que não têm procedência.



ORGANICOM – *Sabe-se que produzir informação ou desinformação em larga escala requer investimento. A quem interessaria esse tipo de movimento?*

Sergio Amadeu da Silveira – Essa desinformação, como a que estamos vendo hoje está ligada a grupos que efetivamente a produzem com objetivos claramente ligados à disputa pelo poder. É extremamente difícil nós observarmos um combate a essa desinformação generalizada sem identificar quem são esses promotores. Essa crença anterior, que todos fazem desinformação, pode ser verdade em um nível bastante diferente do que acontece hoje. Vamos a um exemplo: a Rede Globo de Televisão, em uma campanha eleitoral em que demonstrava apoiar o então candidato José Serra, fez uma longa matéria – de sete minutos – no Jornal Nacional (JN) sobre a chamada “bolinha de papel”. Em meio a uma multidão, Serra teria sido atingido em sua cabeça por um objeto pesado em uma visita ao Rio de Janeiro. Falou-se da violência e se cultuou José Serra como uma vítima. A emissora entrevistou até mesmo um médico legista que deu um parecer falso sobre o caso, atestando um suposto ferimento. Todavia, na mesma noite, um especialista fez uma análise quadro a quadro das imagens veiculadas pelo JN e se provou que foi um raio de luz que bateu sobre a cabeça de Serra, não uma pedra ou algo que pudesse provocar a suposta lesão. Na manhã seguinte, espalhou-se pelas redes sociais que aquilo fora uma falsificação da realidade, uma mentira. À noite, o mesmo JN não citou o episódio em que falara em matéria no dia anterior. A Globo não insistiu na mentira. Mas há grupos que insistem em mentiras como a cloroquina, mesmo contra todas as evidências

ORGANICOM – *E isso não é acidental. Trata-se de estratégia?*

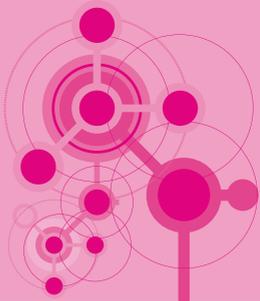
Sergio Amadeu da Silveira – Não falamos de algo que é feito por engano, crenças ou má fé, que ao ser denunciado gera recuo. Falamos de uma estratégia de desinformação praticada não só no Brasil. Não nasceu como estratégia do Brasil, está ligada a grupos de ultradireita (alguns conhecidos como *alt rights* ou direita alternativa), os quais têm um objetivo maior que a mera disputa pelo poder do Estado. Pretende-se substituir a racionalidade por valores reacionários.

ORGANICOM – *Pesquisas recentes indicam crescimento de apoiadores de discursos e ações negacionistas. A racionalidade está em risco?*

Sergio Amadeu da Silveira – Sabemos do limite da razão, do limite do Iluminismo, dos limites da Modernidade. Existe um debate que se organiza em torno de ideias do pós-moderno, ideias que mostram inúmeros fracassos da racionalidade aplicada, por exemplo, à questão ambiental. Ecologistas mostram que a ciência moderna não é capaz de enfrentar todos os desafios. Há falhas, mas isso não quer dizer que essa crítica visa superar esse mito da razão acima de tudo. Não se nega, contudo, a racionalidade, os fatos, a Ciência.

ORGANICOM – *Nesse sentido, também há pessoas ligadas à Ciência que dão testemunhos negacionistas. Existem pessoas ligadas à academia, à Ciência que dão depoimentos apoiando discursos terraplanistas, que negam o aquecimento global e outras questões absurdas. Como a Ciência deve reagir a isso?*

Sergio Amadeu da Silveira – A desinformação não envolve somente *fake news*, envolve *fake science*. Envolve a criação de controvérsias científicas em lugares em que elas não existem e a negação de controvérsias onde ainda permanecem.



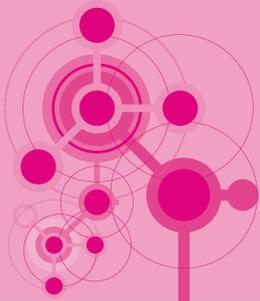
Os divulgadores de *fake science* criam controvérsias onde não existem. Pesquisadores mostram que 40% dos leigos dizem que o aquecimento global não tem motivação humana, antrópicas, que a Terra aquece e não há o que fazer. Evitar desmatamento, conter emissões de gases seria algo equivocado. Entre cientistas da área ambiental, 20% dizem que o aquecimento global não é motivado por atividade humana. Mas entre os climatologistas que pesquisam mudanças climáticas em longo período, quase 99% declaram que o aquecimento global tem fonte na atividade humana. Isso não é uma controvérsia. Trump, Bolsonaro, [Ricardo] Salles (Ministro do Meio Ambiente) contestam isso, sem capacidade científica; criam controvérsia. São leigos dando informações e opiniões sobre assuntos que não entendem.

ORGANICOM – *Existe uma verdadeira adoração à tecnologia e a sua adoção como se fosse a panaceia. Essa mesma tecnologia que pode incluir as pessoas em muitos casos também amplia o espectro da desinformação?*

Sergio Amadeu da Silveira – Sim. Gostaria de recuperar a ideia de que, quando surgiu a internet, muitos considerávamos que aquilo seria uma redenção, uma possibilidade de enfrentar o poder comunicacional concentrado nas grandes empresas de comunicação, no poder do capital financeiro que domina esse tipo de empresa. Houve uma inversão do fluxo comunicacional. O difícil não é falar, mas ser ouvido. Uma economia baseada na difusão é trocada por outra baseada na **atenção**, em uma rede distribuída. Achávamos que essa distribuição era sinônimo de democracia e descobrimos que uma coisa é diferente da outra. A rede distribuída não apenas distribui acesso, ela pode distribuir acesso controlado, vigiado. Pode articular não só grupos que defendem a participação democrática. Articula grupos que defendem totalitarismo e o grande perigo atual, que é o neofascismo. Houve uma primeira crise, a das redes distribuídas, que trouxe a crise da participação. Achávamos que a participação seria dos que defendem a participação do outro. Isso foi um engano. Os grupos neorreacionários defendem a participação para calar a voz do outro, defendem a liberdade de agressão, não de expressão; valorizam a humilhação dos fracos. Essa crise da participação não é só de pessoas que defendem a justiça. Pessoas que defendem o fim dos direitos também estão presentes e participam. Esse momento das redes distribuídas permitiu que o ódio fosse disseminado de modo muito veloz, com apoio de tecnologia de dispersão de informação e com o poder do capital das plataformas. Esses grupos que têm dinheiro usam o capital para agir de modo veloz em um processo desinformativo amplo. E esse modelo quer encurtar, conturbar a realidade. Vimos situações em que se suspendem os parâmetros de realidade. Vimos, no começo da pandemia e atendendo ao interesse do capital, Bolsonaro e empresários dizendo que morreriam 5 mil pessoas, como se isso não fosse um problema. E quando se vê que não é uma "gripezinha", a retórica vai para mobilizar as redes. Várias pessoas que têm dificuldade em relação à realidade começam a reproduzir o que lideranças da extrema direita disserem. Fala-se algo como "só os velhos vão morrer", como se isso fosse verdade ou não fosse grave. É um discurso utilitarista: só fica quem pode me servir.

ORGANICOM – *E as narrativas seguem para reforçar essa desinformação, dando mais munição a uma determinada população?*

Sergio Amadeu da Silveira – Em um momento, Bolsonaro, como representante desse discurso sem confirmação, diz algo como "tentei enfrentar a pandemia, mas o STF [Supremo Tribunal Federal] e os governadores não deixaram". Isso não resiste aos fatos, mas **quem disse que para ele os fatos têm relevância?** Essa suspensão da realidade e essa desconsideração dos fatos vêm sendo feitas com imensa intensidade no momento que vivemos.



ORGANICOM – *As grandes plataformas de dados, de busca e de relacionamento social digital têm uma liberdade enorme para atuar e definir o modo como vão gerenciar dados e suas redes. Elas têm condições de ter tamanha liberdade?*

Sergio Amadeu da Silveira – O que nós temos nas plataformas é uma gestão algorítmica completamente opaca. Não sabemos quem vai ler um post por nós publicado. Não sabemos se naquele momento há controle de frases ou palavras. E nós muitas vezes somos submetidos a censuras privadas. Em um episódio de um podcast publicado por mim em meu canal [do YouTube, Podcast Tecnopolítica], sobre racismo algoritmizado, com uma liderança negra, recebi uma notificação da plataforma sobre a existência de conteúdo bizarro (temas que incitam morte, violência, suicídio terrorismo etc.). Nada disso havia no conteúdo. E na verdade, passados alguns dias, [o episódio] foi liberado, com a mensagem: “após revisão humana, seu conteúdo foi liberado”. **Esse tipo de poder é maior que o do Poder Judiciário, é arbitrário pois é baseado em regras ocultas e não em uma Constituição conhecida por todas e todos.** As plataformas têm poder absoluto e uma censura privada.

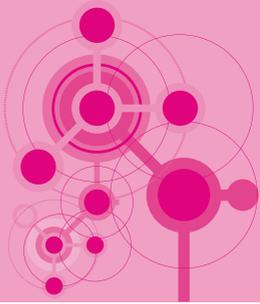
ORGANICOM – *Mas nem sempre esse “cuidado” com o conteúdo acontece...*

Sergio Amadeu da Silveira – O sistema algoritmizado trabalha com um modelo que faz com que as pessoas fiquem o maior tempo possível em seus serviços. E, portanto, abusa-se da espetacularização, que gera curiosidade, que gera atração de determinados grupos. E isso acaba beneficiando a desinformação.

ORGANICOM – *E quanto ao discurso da polarização, do extremismo das redes?*

Sergio Amadeu da Silveira – Alguns trabalham com a ideia de que conteúdos extremistas poderiam gerar mais adesões, mais visualizações. Eu tenho outra visão. Empréstimo de Guy Debord, do texto *A sociedade do espetáculo*, o conceito de “espetacularização da vida”, que não se encerrou nas plataformas, na internet. Exatamente o contrário. Com o surgimento das redes sociais digitais, houve um aumento do apelo à espetacularização. Os conteúdos espetaculares avançam mais rapidamente, não os extremistas. Alguns pensadores dizem que o que há é uma radicalização, mas não vejo conteúdos radicais em partidos que defendem tributos sobre grandes riquezas, que defendem uma sociedade igualitária “bombando” nas redes. Conteúdos espetaculares é que ganham espaço no ambiente digital. O algoritmo não privilegia o radicalismo, mas o espetáculo, e isso acaba beneficiando a desinformação.

Eu guardo um conteúdo que circulou muito antes da campanha eleitoral brasileira de 2018 e ainda circula, bem menos, mas circula. Me refiro ao *kit vagabundo*, um produto feito de modo profissional, mas com aparência de ter sido produzido por alguém simples. Em poucas frases, esse material destruía os direitos sociais. Expressões como “não trabalhou, o governo te dá bolsa família”, “teve filho com qualquer um, o governo te dá vale-leite” e outras. Isso ganha *buzz* porque chega a ser icônico. Para desmontar cada uma dessas frases, não basta apenas uma outra frase, mas muitos argumentos. E isso vem sendo realizado aqui. Buscam-se preconceitos e elementos do senso comum e eles são jogados para determinados grupos, detectados por inteligência de máquina para ganhar força, além do impulsionamento, pago por empresários que têm interesse na destruição de direitos. Isso aconteceu em 2018: uma campanha de ódio e desinformação organizada – vindas até de fora do país – com uma campanha distribuída e paga por empresários de diversos portes, que geraram a onda de desinformação, principalmente pelo aplicativo WhatsApp, mas não somente por essa via. As plataformas são um lugar com um sistema algoritmizado, que trabalha para a maior permanência das pessoas e nos vende em amostras o tempo todo para esses empresários que



financiam a desinformação. Isso teve queda este ano por conta do trabalho do STF, indo para cima de grupos detectáveis que disseminavam mentiras e elementos distorcidos pelas redes. Houve um período de queda da desinformação. **Alguns pesquisadores dizem que a tese da espetacularização é equivocada, porque o que existe é o espraiamento das disciplinas e do controle. Vivemos em tempos de uma articulação do controle como algo introjetado e a vigilância. [Gilles] Deleuze já dizia que o marketing é a principal forma de controle social. O controle não objeta a espetacularização. O espetacular é utilizável como meio de controle.**

ORGANICOM – *Discursos populistas falam de elites e as escolhem de acordo com as circunstâncias. Ciência, cultura, artes, universidades são atacadas diariamente. Hoje cresce a versão de que uma espécie de centro seria o ideal para os rumos do país. Como vê isso?*

Sergio Amadeu da Silveira – É uma espécie de enfrentamento entre doutrina neoliberal e os que defendem a preservação de direitos. É certo que a esquerda está no campo da preservação de direitos. **Mas esses que divulgam a ideia da existência de extremos querem retomar o princípio aristotélico de que o correto está no meio termo. E tentam limitar a vida a um centro que, no fundo, é a passividade diante da destruição neoliberal de direitos.**